

Folha da Manhã

ORGÃO DA LAVOURA E DO COMMERCIO

EDIÇÃO DE HOJE: 16 PAGINAS, EM 2 SECÇÕES

PASSA HOJE O VIGESIMO QUINTO ANNIVERSARIO DA MORTE DO BISPO D. JOSÉ DE CAMARGO BARROS

QUEM FOI ESSE PRELADO PAULISTA, DESAPARECIDO TRAGICAMENTE NO NAUFRAGIO DO VAPOR "SIRIO", A 4 DE AGOSTO DE 1906

Hoje é commemorado com excepções solennidades religiosas, nesta Capital o XXV anniversario do tragico passamento do saudoso bispo-conde de S. Paulo, D. José de Camargo Barros.

Na madrugada de 4 para 5 de agosto de 1906 as redacções dos jornaes foram surpreendidas por um telegramma laconico, de Carthagenia, informando que o vapor "Sirio" partido de Genova, dias antes, naufragara na costa hespanhola, perto de Palos, havendo centenas de mortos. Acrescentava esse despacho que no referido vapor viajavam dois bispos paulistas, os exmos. ms. D. José de Camargo Barros e D. José Marcondes Homem de Mello.

Essa noticia alarmante que, no dia seguinte todos os jornaes publicaram, foi quanto bastou para deixar toda a população de S. Paulo profundamente emocionada.

Novos telegrammas confirmaram o naufragio, tendo infelizmente perecido o bispo D. José de Camargo Barros, porém salvando-se o venerando arcebispo do Pará D. José Marcondes, actualmente bispo de S. Carlos.

De facto o vapor "Sirio" que partira de Genova trazendo centenas de passageiros para a America do Sul, trazia tambem a seu bordo o arcebispo D. José Homem de Mello, e ao passar por Barcelona, recebera tambem como passageiro o bispo de S. Paulo D. José de Camargo Barros.

A cidade de S. Paulo, e mesmo o Brasil inteiro, durante 24 horas torturantes, aguardava a não confirmação dessa triste noticia.

Mas, infelizmente, ella era verdadeira, deixando toda a população desta cidade na maior consternação, porque se tratava da morte de um illustre patriota que, pelos seus grandes meritos de espirito e de coração, merecia o acatamento e o respeito de todos os paulistas, que viam em D. José de Camargo um dignissimo representante de Christo, na direcção do então episcopado de S. Paulo.

Esse eminente varão, de preclaras virtudes, nascera na villa de Indaytuba, aos 24 de abril de 1858, e foi seis dias depois baptizado na igreja parochial daquela localidade, pelo então vigário padre Antonio Casemiro da Costa Rodrigues.

Foram seus paes o venerando anão sr. João de Camargo Barros e a virtuosa senhora D. Gertrudes de Assumpção Camargo Barros, ambos fallecidos ha tempos.

Aos 8 annos de idade começara em Itui os estudos de primeiras letras, na aula do conhecido professor José Benedicto Rodrigues, que frequentara durante 2 annos. Passando seus paes a residirem em Sorocaba, continuara a frequentar os estudos elementares, porém na escola do professor Venancio José da Fontoura até 1872.

Voltando novamente para Itui, nesse mesmo anno, matriculou-se no collegio de Joaquim Marianno da Costa, onde iniciou os estudos das linguas latina e franceza.

Em 1875 fôra admittido no afamado collegio S. Luiz, daquella mesma cidade, estabelecimento que era então dirigido pelo saudoso educador jesuita padre José Maria Mantero. E era tal o conceito que esse sacerdote comecou a ter das qualidades do novo alumno daquella casa, e tal a vocação que elle revelava possuir para o estado ecclesiastico, que o proprio padre Mantero, vindo a S. Paulo, entendera-se com o bispo D. Lino Deodato, de feliz memoria, para que aquelle intelligente moço, que tantas esperanças prometia, fosse admittido no Seminario Episcopal desta então Diocese, afim de que um dia pudesse ascender ao estado sacerdotal.

O autor dos traços biographicos de D. José de Camargo Barros, publicados na "Revista Santa Cruz", diz: — "que houve alguma difficuldade na sua admissão gratuita no Seminario, que naquelle tempo comportava apenas limitado numero de alumnos, além de achar-se destituido de recursos para a sua manutenção". Assevera o referido autor que os esforços do padre Mantero e do conego Jeronymo Pedroso, parente proximo do jovem estudante, superaram todas as difficuldades.

Aos 28 de junho de 1877, afinal, fôra admittido no Seminario Episcopal desta cidade como alumno.

Tornando-se notavel nesse estabelecimento pela sua intelligencia e pela sua piedade, recebera as sagradas ordens de subdiacono aos 8 de setembro de 1882; e aos 10 do mesmo mez e anno as ordens do diaconato.

A 11 de março de 1883 fôra ordenado Presbyterio pelo mesmo bispo D. Lino Deodato de Carvalho, na capella do Seminario Episcopal, e celebrou a sua primeira missa na referida capella no dia 14 do mesmo mez e anno.

Um dos seus companheiros de ordenação fôra o exmo. monsenhor D. José Marcondes H. de Mello, actual bispo de S. Carlos.

O saudoso prelado D. Lino, que então presidia os destinos da Igreja Paulopolitana, conhecido como era dos preciosos dotes que ornavam a pessoa do novo levita, chamou-o para exercer no Seminario Episcopal os cargos de mestre de disciplina e professor. O tino de competencia que revelara no exercicio desses cargos trabalhosos o novo sacerdote, era o prenuncio certo que elle estava talhado para elevados destinos no governo da Igreja no Brasil.

Em 1887 vagou-se a parochia de Sta. Iphigenia desta Capital pela renuncia do então vigário padre Vieira de Castro, que se retirara para Portugal, terra de seu nascimento.

O governo imperial poz em concurso essa importante parochia, e, de todos os candidatos que a pretendiam

e eram numerosos, o que melhores provas apresentara foi o padre Camargo Barros. Em virtude disso foi elle o nomeado, por acto do referido governo, vigário dessa parochia, aos 18 de setembro de 1887, conferindo o sr. D. Lino a instituição canonica a 15 de março de 1888.

Quão benéfico fôra o seu parochiato em Santa Iphigenia, sabem-no todas as pessoas que se lembram da sua estada, naquella vigaria. A fama de suas virtudes e de seus serviços divulgara-se logo de tal modo, que sua majestade o imperador, a 10 de dezembro desse anno, lhe fez mercê das honras de conego honorario da Sé de S. Paulo.



D. JOSE' DE CAMARGO BARROS

Tempos depois, com surpresa extraordinaria, recebia o virtuoso vigário de Santa Iphigenia, a 21 de outubro de 1903, na humildade da sua residencia, o convite da Internunciatura Apostolica para que aceitasse a nomeação de bispo do Paraná, diocese que por Breve Pontificio fôra creada pouco antes.

O espanto do modesto cura d'almas hesitava e estremeçera diante do peso da cruz episcopal. Os directores da sua consciencia e outros dignos prelados experientes e amigos seus o animaram a não contrariar os desígnios da Providencia.

E assim o novo bispo partiu para Roma, regressando em seguida para a sua nova diocese, onde esteve durante dez annos, sendo depois transferido para o bispado de S. Paulo, por morte do santo bispo d. Antonio de Azevedo, de quem fôra o digno accessor.

O que foi a sua administração notavel e eficiente nos dois bispados de Curitiba e S. Paulo, não comporta descrever-se numa simples noticia commemorativa, como esta que ora escrevemos.

Segundo com d. José Homem de Mello para Roma, em maio de 1906, em visita "ad limina", no seu regresso para o Brasil é que se deu a grande catastrophe que eliminou sua vida.

COMO D. JOSE' HOMEM DE MELLO RELATOU, ENTÃO, O OCCORRIDO

Damos a palavra ao jornalista portuguez sr. Ivo Josué, que numa notavel reportagem, feita em Carthagenia, nos dias do naufragio ouviu a descripção do mesmo pelo proprio d. José Homem de Mello, que se salvára providencialmente:

"As muitas relações do nosso informante em Carthagenia facilitaram-lhe a colheita de notas relativas ao sinistro, notas todas seguras, muitas das quaes desmentindo informações anteriores e erradas.

Foi ainda graças a essa circumstancia que elle conseguiu entrevistar o sr. arcebispo do Pará, por intermedio do revmo. padre Joaquim Catá, em cuja casa, em Carthagenia, sua exa. achava-se hospedado.

D. José Marcondes Homem de Mello é natural do Estado de S. Paulo, tendo sido consagrado arcebispo em Roma no dia 26 de junho ultimo (no Collegio Pontificio Pio Latino Americano, officiado nesse acto solenne o cardenal Merry del Val. Depois de, por procuração, tomar posse do cargo, no Pará, e de despedir-se de sua santidade, o papa, o sr. arcebispo embarcou em Genova, no dia 2 de agosto, em companhia de seu secretario, o padre Benedicto Marinho.

Viajaram a bordo do "Sirio", de Genova a Barcelona, sem a menor novidade. Nessa ultima cidade uniram-se-lhes o bispo de S. Paulo, d. José de Camargo Barros, com o seu secretario, padre Manoel Vinhotá; o revmo. Bonifacio Walker, superior dos Benedictinos de Buckart, na Inglaterra, e o secretario deste ultimo, d. Antonio Vonler.

O sr. arcebispo do Pará assim narrou o sinistro: "Não imagina o quanto de horroroso teve aquillo; as scenas que se desenrolaram foram indescritiveis, verdadeiramente dramaticas. Eu estava lendo na coberta da primeira classe, tendo ao lado o secretario do meu companheiro, o bispo de S. Paulo, que, por sua vez, descansava no seu camarote. Eram então quatro horas da tarde; de repente ouvi uns roncões profundos, acompanhados de violentissimo choques, que me fez cahir para trás.

Levantel-me, e ao firmar o equilibrio verifiquei que a coberta em que estava inclinava-se, com o vapor,

para a popa; disse ao que estava ao meu lado — Não ouviu nada? O vapor parou; ao mesmo tempo chegava o meu companheiro bispo de São Paulo a indagar, pallido e afflicto, do que occorria: — nada respondi; naufragamos: depressa, apanhe um salva-vidas e procuremos nos salvar, se for possivel; senão, é a mesma coisa. Aqui, o menos que ha a fazer é salvar a vida; vamos lá em cima dar a absolvição aos que morrerem. Tome este salva-vidas e vá para a coberta, enquanto eu vou ao camarote buscar outro para mim. E sahi correndo.

Tudo isso passou-se muito rapido e no meio da maior agitação de espirito; ouviam-se perfeitamente os gritos de angustia e de terror que partiam daquella multidão de novecentas pessoas abandonadas ao pânico e á confusão. Eram os que tinham presenciado a catastrophe; os primeiros infelizes aterrorizados, com a morte diante dos olhos.

Ao chegar ao meu camarote vi que a porta estava fechada e por um instincto, sem duvida inspirado por poder divino, olhei pela vigia para o interior e vi que a agua havia invadido tudo e chegava já á altura da pequena janella. Se tivesse aberto a porta, a agua, com forte impulso, invadiria o corredor e afogava-me ali mesmo.

Não podia, portanto, apanhar o salva-vidas; subi a escada e ao chegar á coberta vi o quadro mais pavoroso e terrivel a que a criatura humana pôde assistir; eram duas ondas lutando: a do mar e a humana, ambas revoltas em tragico desespero; mães afflictas chamavam pelos filhos; paes, esposos, loucos, desesperados sem poderem encontrar entes queridos para morrer abraçados com elles, e tantos outros desgraçados que se nos ajoelhavam em volta, resignados ao sacrificio, para que os abençoassem. Era um horror. Procurei meu companheiro para dizer-lhe que não tínhamos mais do que um salva-vidas, com o qual nos podiamos salvar os dois, desde que ficassemos bem agarrados.

Estavamos nisto, quando, de repente, sentimos o "Sirio" resvalar com a quilha, pela rocha, desaparecendo quasi todo no abysmo insondavel do mar, sepultando-se nas aguas, que redemoinhavam impetuosamente. Cahi agarrado ao meu companheiro e os dois desaparecemos no turbilhão das vagas.

Voltamos á tona d'agua e tornámos a mergulhar diversas vezes, até que de uma dellas encontrei-me a só e não mais vi o meu companheiro bispo de S. Paulo, esse abnegado christão que cahiu ao mar com a mão levantada para abençoar os seus irmãos de desgraça.

Eu, na afflicção do primeiro momento, ao cair, agarrei-me a alguma coisa que não acertava em definir o que era. Mergulhava levado por impulsos absorventes, porém pensava e lembrava-me de descripções de naufragos que havia lido e dizia para commigo; mergulho e volto á tona d'agua; hei de conservar-me já em cima alguma vez. E assim, bebendo muita agua e resistindo aos golpes das ondas, revoltas sem duvida pela explosão das caldeiras, fui-me afastando do vapor, talvez durante uns dez minutos; o "Sirio" tinha a proa levantada quasi perpendicularmente e ali havia uma multidão angustiada, a agarrar-se na ansia de salvar a vida.

Apercebi-me então de que estava seguro ao salva-vivas apenas pelo dedo pollegar da mão esquerda; nem isso tinha repaado até então. Colloquei-o, devidamente, bem seguro e uma vez que pude conservar-me flutuando olhei para o vapor e pensei o seguinte: a terra fica do lado opposto do vapor; se for até este arrisco-me a ficar sem o salva-vidas; olhei para o mar alto e descobri um barco todo branco, que parecia aproximar-se. Nadei com força ao seu encontro, mas oh! o barco voltava então até onde estava o "Sirio".

Nesse ultimo trajecto vi passar junto a mim uma taboa e apanhei-a dispondo-me então a aproximar-me do vapor e dos naufragos para socorrer alguns destes com a taboa, de que eu não necessitava.

Passou um banco que apanhei tambem com a mão direita levando então esses objectos, considerando-os preciosas reliquias que iam servir para um fim humanitario; mas tive de desistir, porque faltaram-me as forças. Estava desfallecendo e deitei-me de costas, fazendo da taboa travesseiro, abandonando o banco que me servia de impecillo.

Assim estive algumas horas disposto a morrer. Será o que Deus quiser, disse commigo. Quando me senti mais forte tornei e nadar e tive uma grande surpresa ao ver-me de outro lado do "Sirio", com terra á vista. Resanimei-me um pouco. Vi passar bem perto um vapor hespanhol; chamei, gritei, mas inutilmente; ninguém veio em meu auxilio. Naquelle momento de desespero vejo um outro naufrago, um italiano, já sem esperanças de salvar-se; reanimel-o, dizendo-lhe: não tenhas medo de morrer, irmão, talvez que nos salvemos. Confia na providencia de Deus misericordioso. O infeliz balbuciou algumas phrases que não comprehendí e perdi-o de vista.

Um quarto de hora depois cheguei junto a mim a falua "Joven Vicente" e recolheu-me e salvou-me.

Esse barco havia recolhido, momentos antes, o italiano a quem eu dera alento. Fora o penultimo recolhido e eu o ultimo.

Nessa luta tremenda da vida contra a morte perdi o anel archiepiscopal e o crucifixo que trazia ao peito, só tendo podido salvar um pequeno breviario que trazia no bolso da taboa.

No vapor perdi toda a minha bagagem, o dinheiro e todos os meus documentos.

Invoco o poder divino para premiar a accão generosa e humanitaria des-

se povo hespanhol, tão nobre de coração como de sublimes virtudes de alma.

— E' certo que um estudante arrebatou o salva-vidas a seu desditoso companheiro, o arcebispo de São Paulo? — indagou o sr. Ivo Josué.

— Não, senhor, não é verdade. E assim acabou a entrevista."

PR

O prof

altas aut

nios da p

dica á Cl

demia de

Suas rec

á "Physi

maturous", "Es

do sistema

ros", "Relaç

mãe e filho".

Ultimamente

cerebraes e men

cas, apresentand

grande importan

O illustre visit

pital, especialme

Associação Pauli

para realizar algu

O professor Eckst

seguida, para Buenos

vae tomar parte, como

ficial, nas jornadas

se darão entre 17 e 22

Reunião de vendas de leite

A Associação Com

Varejistas de São Paulo,

idade Beneficente dos Propri

de Leiteirias e a União Pauli

Vendedores, Ambulantes de

convidam todos os interessad

na venda do leite, a comparecer

assembleia geral das Classe L

riosas, á rua do Carmo, no

para tratar da leituna e approva

da representação que irá ser en

da ao governo pedindo a retrib

dos cartos-tanques e demais as

sumptos que interessam a classe.